

DOIS DEDOS DE

PROSA

Nº102 Recife|PE Junho|2022



Basta de agrotóxicos! Por saúde, justiça social e agroecologia!

Apesar de os defensores do agronegócio chamarem de “defensivo agrícola”, agrotóxico é veneno e não tem outro nome para veneno. Tanto é que os primeiros agrotóxicos foram produzidos para usar na segunda guerra mundial, como arma química para matar pessoas. Aí as empresas viram que poderiam usar também para matar lagartas,

Saiba mais nas páginas 4 e 5

**VENENO É
FEITO PARA
MATAR**



Escola de Agrofloresta
Jones Severino Pereira
realiza formação em
Sistemas Agroflorestais
em Pernambuco

Página 3



Dados sobre
a nova pesquisa
de Agrotóxico
Lucrando com
o veneno

Página 6



Importância
das juventude
na política
e no voto

Página 8

Meio ambiente e veneno não conjugam no mesmo espaço

Não haverá meio ambiente se continuarmos nos envenenando e contaminando a flora, fauna, solos e as fontes de água. Dia 5 de junho é lembrado como Dia Mundial do Meio Ambiente, e por aqui temos pouco o que celebrar. São projetos de leis “passando a boiada” e pacote da morte sendo aprovado para liberar mais venenos no nosso prato, como destaca o **De Olho. A Boa Prosa** é que já está em atividade a Escola de Agroecologia Jones Severino Pereira, ação do Centro Sabiá, em parceria com a Misereor, provando que é possível uma agricultura sem veneno. A **Prosa de Interesse**, o artigo principal pede uma basta de tanto agrotóxico, por saúde, justiça social e agroecologia. Para contribuir com essa luta, O Centro Sabiá lança campanha de comunicação pela saúde e contra os agrotóxicos. Mas o papo não acaba aqui, **Por Todo Canto**, analisa a pesquisa recente da *Friends of the Earth Europe*, que revela a influência que as fabricantes de agroquímicos exercem na política do Brasil. Como todas essas práticas e políticas destrutivas colaboram para o aquecimento no nosso Semiárido e avanço da desertificação na região é papo do **Da Comunidade**. Mas se tem esperança, a gente traz também, o **Juventude em Prosa** vem com sede de mudança e transformação, analisando o interesse de adolescentes e jovens pelo voto. E para fechar, teve poeta que **Meteu o Bico** para nos lembrar *O Brasil que queremos!*

Seguimos e boa leitura.

Rosa Sampaio

Núcleo de Comunicação/ Centro Sabiá

O Pacote da Destruição Ambiental do Governo Bolsonaro

Por Maria Cristina Aureliano

Coordenadora Técnico-pedagógica do Centro Sabiá



PH Reïnaux / Acervo Centro Sabiá Sabiá

3º Ato Agosto das Juventudes, Recife (PE)

Em março de 2022, lideranças indígenas, artistas e ativistas se reuniram no **Ato pela Terra**, em Brasília, para denunciar e pressionar parlamentares e o Supremo Tribunal Federal (STF) contra o “pacote da destruição”, um conjunto de projetos de lei (PL) que ameaçam o ambiente, a vida e a saúde dos brasileiros.

O PL 2.159/2021 flexibiliza o licenciamento e enfraquece a legislação existente, utilizando dispositivos como a Licença Ambiental por Adesão e Compromisso por meio de autodeclaração, sem análise prévia do órgão ambiental e com fiscalização por amostragem. O PL permite a dispensa de licenciamento em empreendimentos de saneamento básico, manutenção em estradas e portos, distribuição de energia elétrica, atividades agropecuárias, mineração, e obras consideradas de “porte insignifi-

cante” pelo órgão licenciador, além de dispensar a análise de impacto em Unidades de Conservação.

O PL 6.299/2002 amplia o uso de agrotóxicos, que já possui uma legislação precária e permissiva. São 1.682 novos venenos liberados só no governo Bolsonaro. Este PL não cobre as lacunas de fiscalização, monitoramento e reavaliação de produtos e deixa a autorização, como atribuição apenas do Ministério da Agricultura, retirando o Ministério da Saúde, a Anvisa, o Ministério do Meio Ambiente e o Ibama desse processo. Sob a justificativa de desburocratizar e apoiar a atividade econômica, estes dois projetos de lei foram aprovados na Câmara e estão no Senado.

Por fim, o PL 191/2020, que autoriza a mineração e a construção de hidroelétricas em reservas indígenas, atualmente está em regime de urgência na Câmara, o que significa que pode ir a votação sem passar pelas comissões temáticas.



Expediente:

Dois Dedos de Prosa é uma publicação do Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá. Rua do Sossego, 355, Santo Amaro, Recife/PE - CEP: 50100.150 - Fone: (81) 3223.7026 e(81) 3223.3323 - Email: sabiá@centrosabiá.org.br - www.centrosabiá.org.br - DIRETORIA - Presidenta: Edna Maria do Nascimento Silva. Vice-presidenta: Sônia Lúcia Lucena Sousa de Andrade. Secretária: Joana Santos Pereira. Conselho Fiscal: Alaide Martins dos Santos, Maria Verônica de Santana e Tone Cristiano Feliciano da Silva. COORDENAÇÃO COLEGIADA - Coordenador Geral: Alexandre Henrique Bezerra Pires. Coordenadora Técnico-Pedagógica: Maria Cristina Aureliano de Melo. Coordenador de Comunicação e Mobilização Social: Carlos Magno de Medeiros Moraes. EQUIPE TÉCNICA NOS TERRITÓRIOS: Edgar Caliente, Eliane Nery, Juliana Peixoto, Nicléia Nogueira, Orlando Santana, Raimundo Bertino, Rivaneide Almeida. EQUIPE ADMINISTRATIVO FINANCEIRA: Demetrius Falcão, Elivânia Leal, Iran Severino, Ivanildo Júnior, Jullyana Lucena, Natália Porfírio, Pedro Eugênio e Vânia Luíza. NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO: Darlilton Silva, João Lucas França e Rosa Sampaio. NÚCLEO DE MOBILIZAÇÃO DE RECURSOS: Breno Lacet. ASSESSORIAS: Aniérica Almeida (Agricultura Urbana) e Janaina Ferraz (Juventudes). O Trabalho do Centro Sabiá também recebe apoio das seguintes organizações: Misereor/KZE, Terre des Hommes Schweiz, Cáritas Alemã, Manos Unidas, Progettoomondo, Inter- American Foundation (IAF), BNDES, Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (ANATER), Fundo Estadual de Meio Ambiente/Secretaria de Meio Ambiente e Sustentabilidade de Pernambuco (FEMA/SEMAS). EDIÇÃO: Rosa Sampaio (DRT/PE 3510). PROJETO GRÁFICO: Kelen Linck. DIAGRAMAÇÃO: Carol Barreto. IMPRESSÃO: MXM Gráfica e Embalagens Ltda. TIRAGEM: 1000 (hum mil) exemplares.



Escola de Agrofloresta Jones Severino Pereira realiza formação em Sistemas Agroflorestais em Pernambuco

Raimundo Daldenberg Pereira Bertino
e Vilmar Luiz Lermen

Educador agroflorestal e assessor técnico do Centro Sabiá e Agricultor e educador agroflorestal, respectivamente¹

As Agroflorestas são sistemas que unem conhecimentos acumulados em vários locais, práticas, técnicas e experiências que foram vivenciadas de forma organizada por famílias, grupos e comunidades de agricultores/as. A prática no Brasil é centenária, mas a chegada do agricultor e pesquisador suíço Ernst Göstch, no início da década de 80, no país, teve um papel importante no desenvolvimento das agroflorestas nos modelos atuais. Ao longo do tempo, esse tipo de agricultura foi sendo sistematizada e difundida, por meio de consultorias, vivências e cursos, questionando os modelos convencionais de produção.

O Centro Sabiá acompanha algumas famílias que aceitaram o desafio desse novo jeito de fazer agricultura, entre elas a de Jones Severino e Lenir, no Sítio São João, em Abreu e Lima, Pernambuco. A família de Jones foi pioneira nas práticas agroflorestais, com várias técnicas a partir dos ensinamentos de Ernst e dos técnicos da organização.

Com apoio da organização alemã MISEREOR, o Centro Sabiá implementou a Escola de Agrofloresta Jones Severino Pereira, em homenagem ao agricultor, falecido em 2017, pelo seu legado construído. A ação acontece em três regiões do estado, Sertão, Agreste e na Zona da Mata Sul, capacitando cerca de 90 agricultores/as em seis turmas, com 15 participantes cada, além de convida-

João Roberto Ripper / Acervo Centro Sabiá



Lenir Ferreira Gomes Pereira, Sítio São João, Abreu e Lima (PE)

dos, como alguns parceiros das regiões e famílias de outros projetos com áreas de agroflorestas já consolidadas.

Um elemento didático importante do curso é a valorização do diálogo pedagógico entre teoria e prática, a troca de experiências entre agricultores e agricultoras e a utilização das ferramentas pedagógicas, como “Triângulo da Vida”, estratificação das espécies, sucessão ecológica no tempo e no espaço. A Escola preza por metodologias participativas, com debates baseados na “ação-reflexão-ação transformadora” de Paulo Freire.

Cada turma tem uma família anfitriã, onde as práticas e teorias são desenvolvidas nos seus agroecossistemas. O objetivo principal é a formação em sistemas agroflorestais, de forma que as famílias possam melhorar sua produção, possibilitando aumento na diversidade de alimentos, gerando renda e inclusão de gênero nos processos formativos e decisórios, e, ainda contribuir com a preservação ambiental dos territórios, discutindo o acesso à terra, sucessão rural e participação das famílias nas organizações de base e regionais, que lutam pelos direitos e discutem desenvolvimento rural.

¹Os autores ministram a formação da Escola de Agrofloresta Jones Severino. Pereira, com apoio de toda a equipe do Centro Sabiá.





Basta de agrotóxicos! Por saúde, justiça social e agroecologia!

Por Pedro Albuquerque

Sanitarista e mestre em saúde pública pelo Instituto
Ageu Magalhães Fiocruz-PE

Quando pensamos em agrotóxicos, o que vem na mente? Perigo e veneno devem ser as primeiras coisas. Apesar de os defensores do agronegócio chamarem de “defensivo agrícola”, agrotóxico é veneno e não tem outro nome para veneno. Tanto é que

os primeiros agrotóxicos foram produzidos para usar na segunda guerra mundial, como arma química para matar pessoas. Ai as empresas viram que poderiam usar também para matar lagartas, formigas e plantas indesejadas.

Mas como pode ser seguro colocar veneno na comida da gente? Os cientistas do agronegócio inventaram um jeito para esse absurdo. São feitos estudos em ratos de laboratório onde é dado o agrotóxico ao animal e observa-se qual dose fez eles adoecerem. Depois disso é definida a “dose segura” para humanos. Nós somos diferentes de ratos, não é mesmo? E cada pessoa é um organismo. É diferente adulto de criança, homem de mulher, mas nada disso é considerado. Veja o exemplo do cigarro, tem gente que fuma a vida toda e só vai ter problema depois de muitos anos, já tem outras pessoas que só de morar na mesma casa da pessoa que fuma já adoecem. Por isso, não dá para dizer que existe dose segura para veneno.

O resultado disso é que **temos mais de 400 tipos de agrotóxicos que provocam mais de 10.000 casos de intoxicações todos os anos.** E essa quantidade de gente é só uma pequena parte do real. É comum chegar no posto de saúde ou no hospital e os profissionais da saúde nem perguntam se a pessoa trabalha com veneno. Trata a doença causada pelo veneno e acaba nem registrando.

Muita gente não sabe, mas, além desse mal-estar logo após a aplicação, os agrotóxicos podem causar, depois de muitos anos, problemas digestivos como gastrite, problemas de pele, no equilíbrio dos hormônios, câncer, ansiedade, depressão, mal de Parkinson e diversos outros. Além da saúde humana, os venenos contaminam a água, o solo e os animais. Alguns venenos usados no Brasil e proibidos em outros países provocam a morte de abelhas, peixes e outros pequenos animais muito importantes para o equilíbrio ecológico. Se é ruim em outros países, não devemos usar aqui às custas da saúde do nosso povo e do ambiente.

Por isso, é importante fortalecer a Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e pela Vida, iniciativa de diversos movimentos sociais populares, pessoas e instituições. As principais bandeiras desta campanha hoje são: pressionar a Câmara para colocar em discussão e aprovar a PNARA (Política Nacional de Redução de

Agrotóxicos); melhorar o SUS (Sistema Único de Saúde), com participação social e financiamento adequado; construir plataformas de governo e eleger deputadas e deputados que se comprometam com as bandeiras da campanha; incentivar a criação de leis estaduais e municipais para reduzir o uso de agrotóxicos e promover sistemas agroecológicos.

Precisamos fortalecer nossa organização e caminhar para outro modo de produção, outro modo de vida, com saúde, justiça social e agroecologia!

**VENENO É
FEITO PARA
MATAR**





Ricardo Araújo

Aplicação de agrotóxico

**VENENO É
FEITO PARA
MATAR**

Campanha do Centro Sabiá

#PelaSaúdeContraAgrotóxicos

Por Rosa Sampaio, jornalista do Centro Sabiá

Veneno é feito para matar! Com este mote, o Centro Sabiá lança campanha contra os agrotóxicos. As peças de comunicação visam impactar e chamar atenção para o problema “autorizado e liberado” no Brasil. Com vídeo, spot e peças digitais, a campanha traz na sua

identidade, inclusive visual, a palavra VENENO para denominar o que o agronegócio chama de “defensivo agrícola”, para deixar a leitura e o entendimento claro. O vídeo e spot têm por base depoimentos de agricultoras e agricultores, que manipularam ou tiveram alguém da sua família que usou o veneno, histórias reais, algumas com finais trágicos. Se é feito pra matar, não faz bem pra vida. Por isso junto com as peças vai hashtag **#PelaSaúdeContraAgrotóxicos**.



DOE AGORA E
TRANSFORME VIDAS



Dados sobre a nova pesquisa de Agrotóxico - Lucrando com o veneno

Por Aniérica Almeida

Assessora para Agricultura Urbana do Centro Sabiá

O agro, que é “tech e pop”, mata um brasileiro a cada 2 dias- 20% dessas vítimas são crianças e adolescentes com idade entre 0 e 19 anos.

O relatório recém publicado por especialista da rede ambiental amigos da Europa (Friends of the Earth Europe) revela a forte influência e alianças que as corporações europeias, fabricantes de agroquímicos, exercem na flexibilização e aumento de autorizações dos agrotóxicos utilizados no Brasil. Afirma também que o acordo comercial entre União Européia (UE) e Mercosul (Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai) beneficiará grandes empresas com redução e isenção de impostos e trará graves consequências para a natureza, as comunidades tradicionais e os povos indígenas.

O relatório aponta as estratégias adotadas pelos gigantes europeus (BASF, Bayer e Syngenta) em consonância com o governo brasileiro, sobretudo com parlamentares da bancada ruralista para fazer impulsionar as importações, garantido isenção de impostos para agrotóxicos que já foram banidos na União Européia (UE). A estratégia conta com forte apelo midiático e negociações com políticos que se refletem na fragilização de leis ambientais, enfraquecimento e fim de instâncias de controle exercidas pela sociedade.

Dados alarmantes são apresentados no relatório como o aumento em seis vezes mais

Rosa Sampaio / Acervo Centro Sabiá



Galões com agrotóxicos

do uso de agrotóxicos no Brasil nos últimos 20 anos e a posição nº 1 no ranking mundial de consumo de veneno. Além de gastos na ordem de 2 milhões de euros, na realização de acordos entre representantes das empresas de agrotóxicos e políticos; 499 novos agrotóxicos aprovados para comercialização no Brasil, apenas em 2021 e a morte de um brasileiro a cada 2 dias, vítimas de intoxicação por agrotóxicos.

O relatório se encerra apresentando um conjunto de exigências a serem tomadas pela UE como forma de reparação por todo o histórico

devastador colonial exercido sob os países do Mercosul, como o Brasil, e aponta o apoio para a transição à formas de agriculturas mais sustentáveis e agroecológicas como um dos caminhos a serem fortalecidos. Destaca a importância do papel exercido pelos agricultores/as camponeses na produção de alimentos e que a forma de produção e consumo de alimentos saudáveis devem respeitar os direitos humanos e os limites da grande mãe terra.





Efeitos da Desertificação no Semiárido

Por Rivaneide Ligia Almeida Matias

Técnica territorial do Sertão do Pajeú do Centro Sabiá

Desertificação, segundo a Convenção das Nações Unidas de Combate à Desertificação (UNCCD), “é a degradação da terra em regiões áridas, semiáridas e sub-úmidas secas, resultante de vários fatores, incluindo variações climáticas e atividades humanas”. Logo, no Brasil, os processos de desertificação acontecem na região semiárida, presente nos nove estados do Nordeste, mais uma parte do estado de Minas Gerais. A desertificação provoca desgaste do solo, da água e empobrecimento das populações do Semiárido.

A Caatinga, floresta do Semiárido, precisa existir para termos água e alimentos, para garantia da vida nessa região. Sem esse bioma vivo, fica impossível a permanência das populações nesse lugar. As organizações, junto com os povos do Semiárido têm demonstrado que é possível conviver com esse ambiente, a partir de práticas agroecológicas, produzindo de forma biodiversa, preservando nascentes, rios e riachos.

Pernambuco apresenta 80% da sua superfície caracterizada como semiárido. Segundo a Secretaria de Meio Ambiente e Sustentabilidade do estado (SEMAS), 123 municípios do Agreste e Sertão e dois da Zona da Mata estão incluídos na lista das áreas susceptíveis à desertificação, carecendo de atenção especial e políticas públicas específicas de combate e mitigação a essa ameaça invisível.

Podemos considerar um avanço muito grande a existência de uma Política Estadual de Combate à Desertificação e Mitigação dos Efeitos da Seca. Concluída em 2010, foi uma conquista, porém poucas ações práticas e garantia de orçamento aconteceram até os dias de hoje. “E não é possível a concretização de

João Roberto Ripper / Acervo Centro Sabiá



Área desertificada, Riacho de Pedra, Cumarú (PE)

ações sem o triângulo Política Pública – Orçamento – Gestão”, parafraseando o companheiro de militância Alexandre Pires.

Organizações populares do Semiárido de Pernambuco, junto com as populações locais articuladas, vêm desenvolvendo experiências de convivência com essa realidade climática, com a ampliação da resiliência das pessoas. O cultivo de alimentos em agroflorestas e a construção de cisternas, são alguns exemplos reais de se fazer o enfrentamento da desertificação e promover melhor qualidade de vida.

O ano de 2022 será decisivo para decidirmos nossos destinos por meio do voto. Nesse

momento, precisamos eleger representantes que defendam as causas populares, entre elas a concretização de políticas para garantir a vida no Semiárido, enxergando a desertificação enquanto um desafio real a ser enfrentado. Portanto, abra o olho e vote em quem defende a Caatinga, a Agroecologia e a vida no Semiárido.



DOE AGORA E
TRANSFORME VIDAS



O Brasil que eu quero

O Brasil que eu quero pra viver
 Não precisa de muita regalia
 Basta o pobre ter uma moradia
 E na mesa alimento pra comer
 Ter um livro pra quando quiser ler
 Ter dinheiro para comprar
 o "seu pão"
 Ter direito á expressar opinião
 Sem que possa sofrer um
 julgamento
 "O Brasil não precisa de armamento
 Precisamos de mais educação".

Se as escolas tiverem professores
 Recebendo salários mais decentes
 Certeza teríamos mais docentes
 Ensinando e formando doutores
 Nós teríamos também
 bons eleitores
 Exercendo o papel de cidadão
 Dando rumo ao futuro da nação
 Tendo como arma o conhecimento
 "O Brasil não precisa se armamento
 Precisamos de mais educação".

Glosa: Josivan Lima
 Mote: Valdir Teles
 Santa Cruz da Baixa Verde - PE

Importância das juventudes na política e no voto

Por Allyson Oliver

Jovem Multiplicador de Agroecologia (CJMA)

A democracia é um direito de todos e as juventudes têm todo o direito e voz de lutar para exercer seu papel na política, as e os jovens em si, hoje tem o domínio do seu voto, o qual será decisivo para as eleições desse pleito eleitoral de 2022, principalmente para a Presidência da República.

Estamos lutando dia após dia pelos nossos direitos, à igualdade, à educação, à saúde e às políticas públicas do nosso país. Com isso, nós, juventudes camponesas, iniciamos um mutirão para a emissão do Título Eleitoral de adolescentes entre 16 a 18 anos de idade nas cidades de Vitória de Santo Antão e Palmares na Mata Sul de Pernambuco, para exercer seu primeiro voto no pleito eleitoral de 2022, enfatizando a importância das/os jovens e adolescentes exercerem seu papel como eleitor, bem como a importância de nos unirmos para tirarmos o atual Presidente da República que é nosso inimigo.

Inimigo esse que vem mostrando várias negligências com nosso país, colocando o Brasil de volta ao mapa da fome, sua falta de empatia pelos brasileiros, e principalmente pela memória e famílias dos 666¹ mil mortos pela COVID-19 no país. No Brasil, o voto de adolescentes entre 16 e 17 anos não é obrigatório, mas o interesse do jovem brasileiro pela política tem crescido. O Tribunal Superior Eleitoral disponibilizou a plataforma "Título

Darliton Silva / Acervo Centro Sabiá



Ato em Defesa da Educação, Recife (PE)

Net", para que os eleitorados regularizassem e emitissem a 1º via do título eleitoral, entretanto os números cresceram de 2014 a 2018 pra cá, entre os meses de janeiro a março de 2022 foram mais de 1.144.481² nos eleitores na faixa etária de 15 a 18 anos que emitiram a primeira via, isso significa que, jovens que não tem ainda obrigação de votar, tiveram o interesse de emitir seu título de eleitor para poder exercer seu dever, seu direito e garantir o futuro do Brasil.

¹Número atualizado em 26/06/2022, pelo Consórcio Nacional de Imprensa.

²Dados do TSE: tse.jus.br



O jornal Dois Dedos de Prosa também está disponível para leitura na versão mobile. Baixe agora em nosso site: www.centrosabia.org.br

